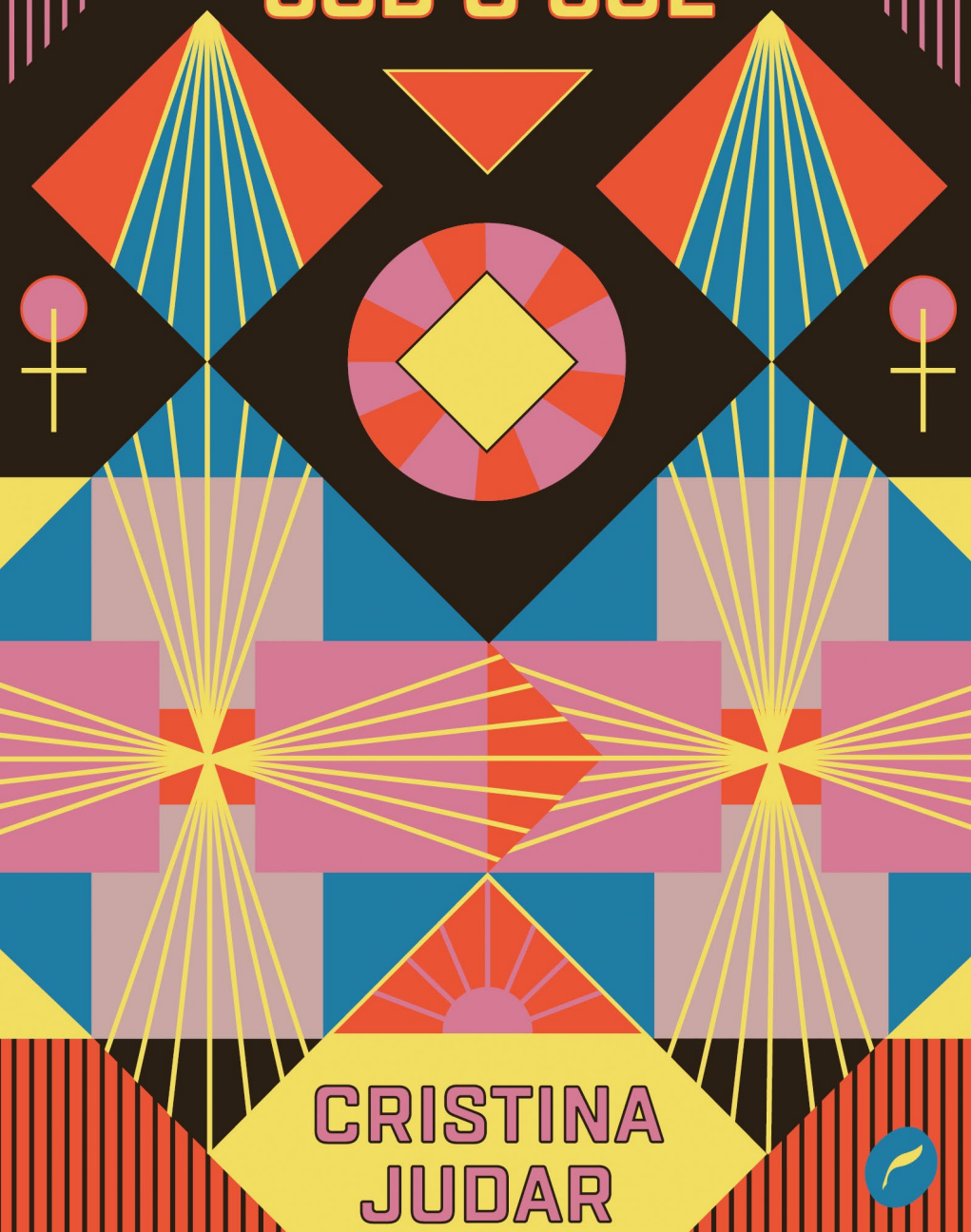


ELAS MARCHAVAM SOB O SOL



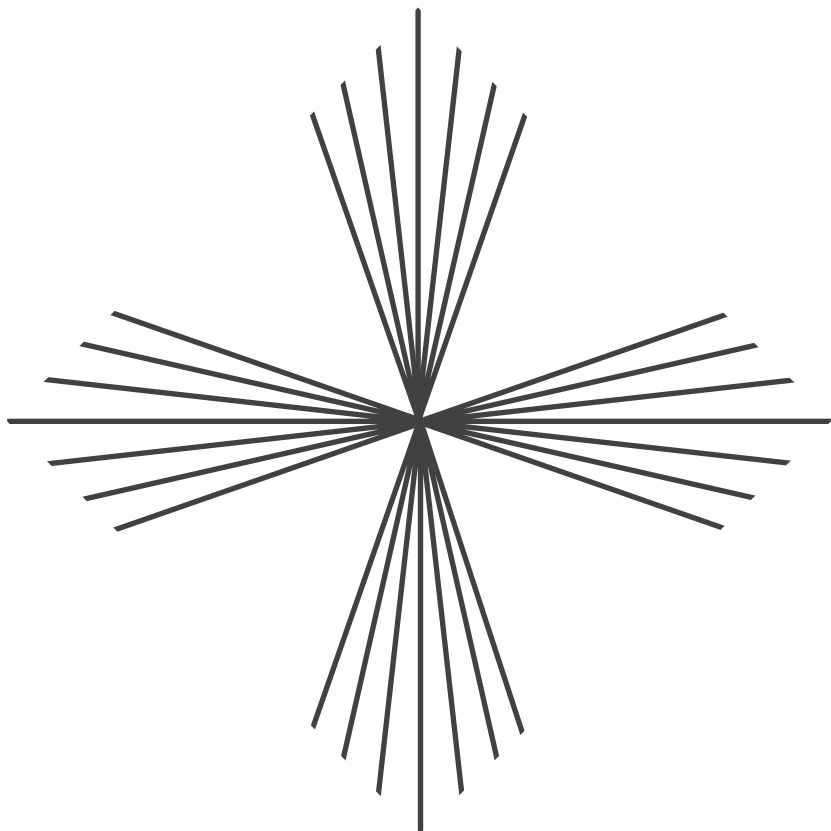
CRISTINA
JUDAR





**ELAS MARCHAVAM
SOB O SOL**

**ELAS MARCHAVAM
SOB O SOL**

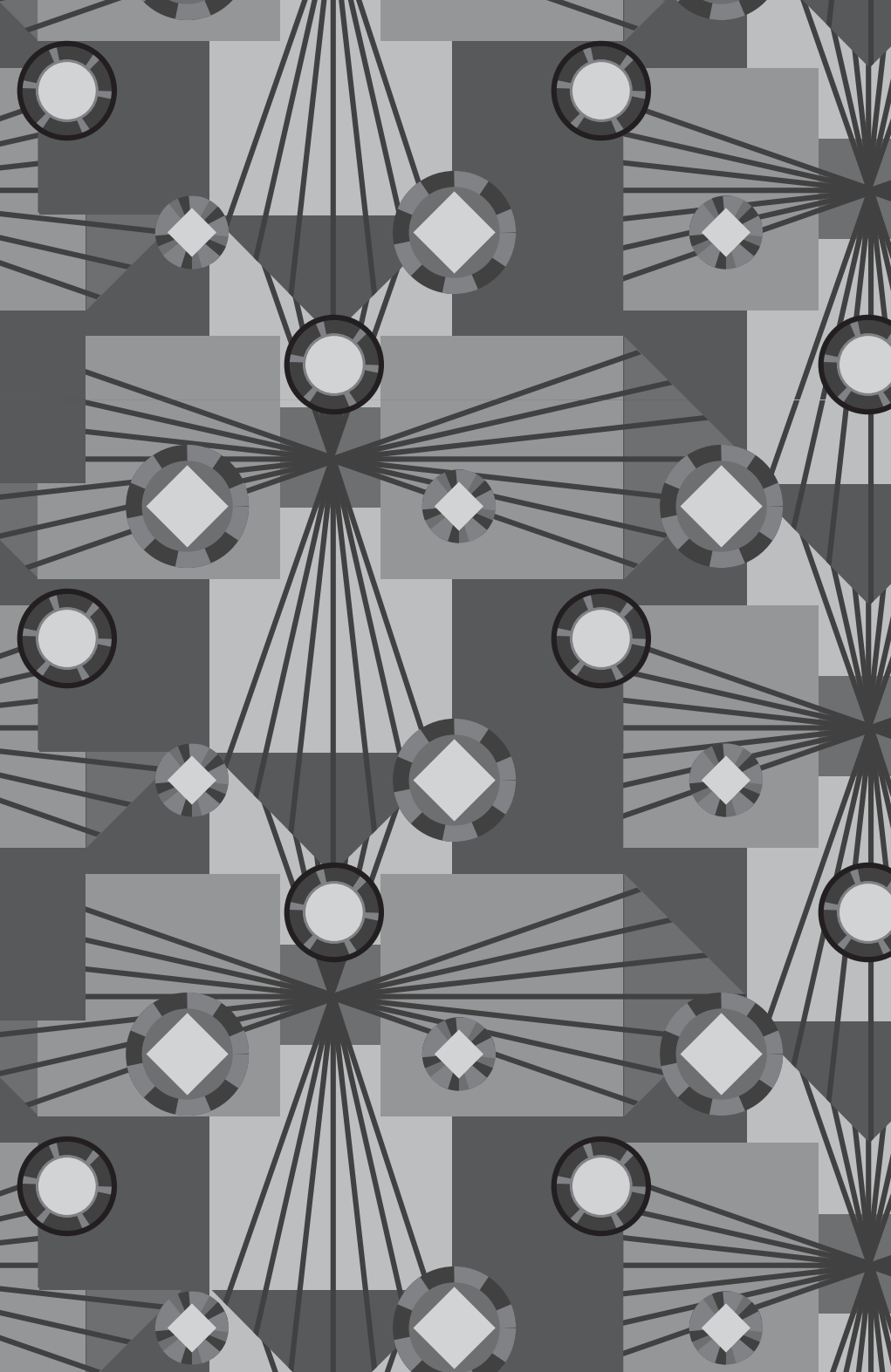


**CRISTINA
JUDAR**

Porto Alegre



São Paulo • 2020



Every woman

A POLITICAL PRISONER

Every woman

A POLITICAL PRISONER

You are political prisoner

LOCKED IN TENSE BODY

You are political prisoner

LOCKED IN STIFF MIND

You are political prisoner

LOCKED TO YOUR PARENTS

You are political prisoner

LOCKED TO YOUR PAST

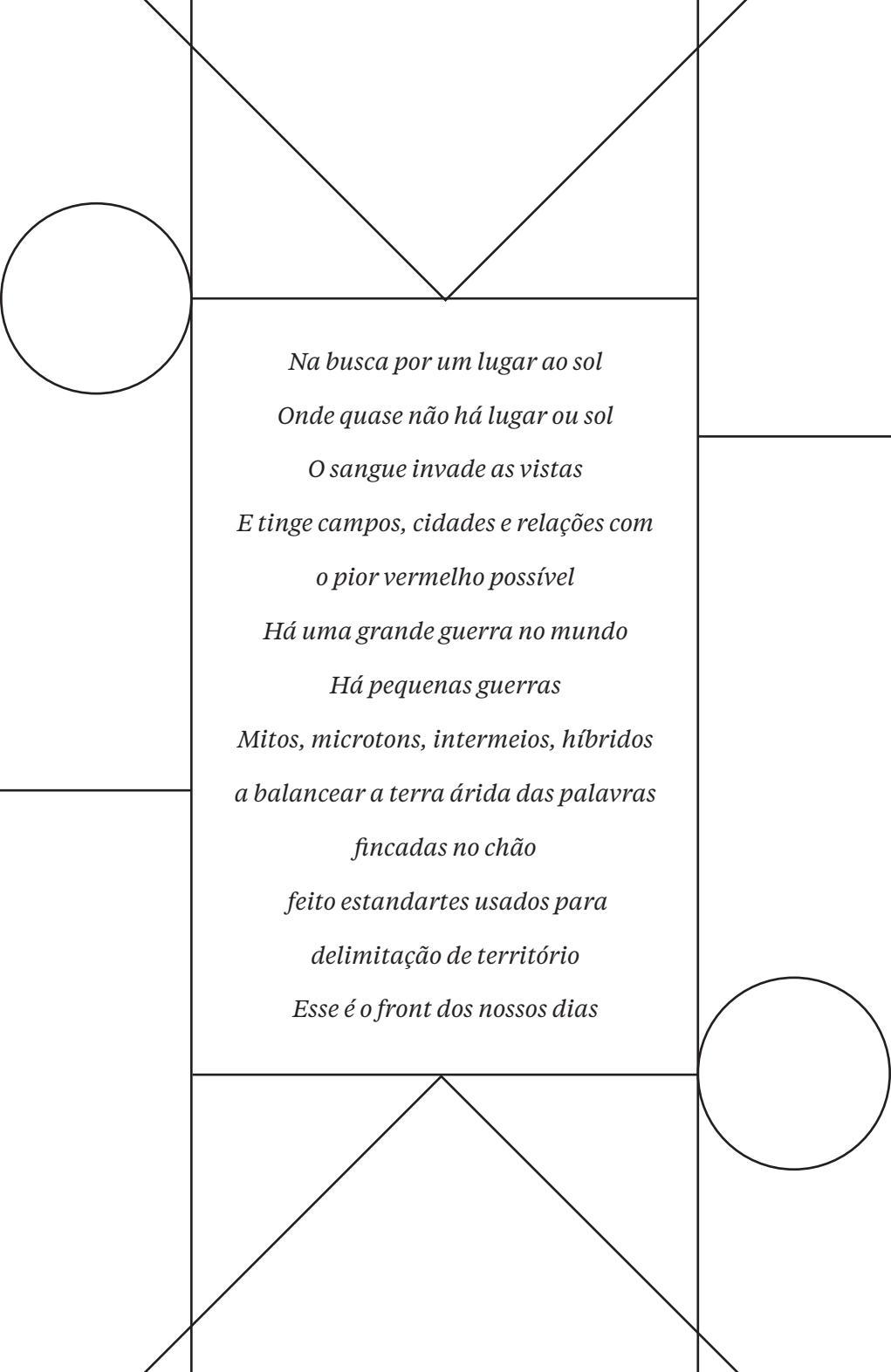
Free yourself

FREE YOURSELF

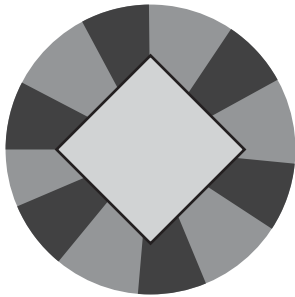


REVOLUTIONARY LETTER #49

Diane di Prima



*Na busca por um lugar ao sol
Onde quase não há lugar ou sol
O sangue invade as vistas
E tinge campos, cidades e relações com
o pior vermelho possível
Há uma grande guerra no mundo
Há pequenas guerras
Mitos, microtons, intermeios, híbridos
a balancear a terra árida das palavras
fincadas no chão
feito estandartes usados para
delimitação de território
Esse é o front dos nossos dias*



The image features a light gray background with three large, thin black circles that overlap each other. The circles are arranged in a vertical stack, with the top circle overlapping the middle one, and the middle one overlapping the bottom one. In the center of the overlapping area, the word "JANEIRO" is written in a bold, white, sans-serif font with a thin black outline.

JANEIRO

Ana,
doze meses antes de completar dezoito anos

Passada de mão em mão durante a aula de biologia, a casca do besouro seco negava a tese de que só o homem é capaz de certas proezas na área do design. Eu não estava certa do que era feita aquela coisa, mas sua estrutura sólida e factual não poderia ser natural, não projetada pela cabeça de um especialista.

Ao contrário do que eu sentia em relação a Clark, não havia repulsa ou piedade, e essa era outra grande surpresa daquele momento.

Sobre Clark: uma miniatura de pessoa aprisionada em um vidro cheio de formol, exibido na prateleira do laboratório do colégio, ao lado de outros frascos.

Sobre anatomia e destino: Clark era o protagonista, o foco da atenção dos garotos que sentiam-se

culpados por sua inexistência flutuante em favor dos nossos estudos.

Sobre mim: em uma de minhas versões mais conhecidas, eu aparentava não querer saber de Clark, embora, às ocultas, já tivesse observado longamente o ex-futuro-homem rosado e de perninhas encolhidas. Quando a sala estava deserta, em uma iluminação típica do entremundos, eu imaginava destinos virtuosos para aquela massa pequena de cartilagem, uma tentativa frustrada de ser alguém, de vestir um jeans, de ter um perfil nas redes sociais, de beber um drinque, caso tivesse mesmo sobrevivido. Em uma névoa contemporânea, possibilidades infinitas estavam perdidas. E a razão de ele ter sido abortado jamais seria conhecida.

Sobre o besouro morto, duro e seco: era como se a natureza tivesse criado a sua própria versão daquilo que conhecemos como plástico. Por isso ele era tão reconfortante, tanto quanto um pedaço de plástico pode ser.

A coisa toda começou naquela manhã, no jardim de casa. Depois da chuva, com a grama multiplicada em gotas d'água infinitas, avistei uma pedra inédita no canteiro de begônias que, caso fosse filmado do alto, mais pareceria um acumulado de maçãs argentinas. Ao chegar mais perto, identifiquei o corpo-jazigo de um inseto enorme, revirado, entregue, radiante, pretíssimo. Tomei posse da joia.

Ao dar uma pausa nessa cena, com a realidade em suspensão para uma rápida análise detalhada, é fácil dizer que estávamos os três como que entrelaçados,

mais ou menos assim: (1) a imagem de um besouro morto, resumido a uma casca de estrutura esteticamente irresistível; (2) a figura de Clark, que não tivera a oportunidade de aproveitar algo da vida além de ter um destino semelhante ao do inseto: “morrer para cumprir o papel de objeto de estudos para jovens de classe média”. (3) Eu, a garota de dezessete anos que não sabia se queria ser como o besouro [memória e forma] ou como Clark [aberração e impossibilidade]. O dilema estava lançado.

Clark

Ela é doida por fivelas pretas. A ponto de ter uma coleção delas. Mesmo que de forma embaçada, de dentro do vidro e entre águas paradas, as enxergo bem alojadas em seus cabelos, feito insetos grandes e envernizados. Arrisco dizer que ela vem até aqui mais para que eu admire as suas fivelas do que por qualquer outro motivo. São todas sempre brilhantes e com diferentes formatos. Puro fetiche, que é algo sobre o qual ela nunca ouviu falar. Embora eu seja um embrião abortado, sei de muitas coisas da vida. Os místicos talvez afirmem serem lembranças de encarnações passadas, mas eu digo tratar-se apenas da minha *memória celular*. Trago histórias na minha composição física. Devidamente preservadas no formol, o que é uma sorte. Estou mais vivo e alerta do

que muita gente caminhante por aí. Como a garota exibicionista de fivelas, por exemplo. Fico com pena, até. A solidão humana me comove. Minha ex-futura mamãe chama-se **Estela** e tinha a mesma idade dela quando brotei. Aprendi muitas coisas com mamãe que, para poder permanecer no internato, precisou livrar-se de mim. Disseram ter sido um trato justo. Trocar uma parcela gigantesca de vergonha, que não caberia em carne alguma, pela nobreza de doar a carne diminuta de seu corpo-filho para favorecer os estudos de jovens que fariam o futuro. E, então, cá estou eu, uma perolazinha em estado de ebulição. Botão rosado com a potência de uma flor atômica. Sei que sairei deste lugar no dia em que todos os encarcerados da Terra forem soltos e os libertos feitos prisioneiros. Trago essa revelação a quem quiser me ouvir. Sou a semente que germinará. Inclusive, já gritei essa verdade à garota dos insetos nos cabelos, que pareceu ter me escutado atenta, aquela desavergonhada. Ela me apelidou de Clark, escreveu esse nome no rótulo do frasco, consigo ler ao contrário, de dentro desta minha cela aquática, KRALC. Para falar a verdade, eu gostaria mesmo é de ter recebido o nome de algum faraó ou deus egípcio, caberia mais naquilo que sou, naquilo que virei a ser.

Joan,

doze meses antes de completar dezoito anos

Com a vó, embalei e defumei corpos. Sei como estes podem ser joias para o chão que passam a ocupar. Os que os enterram sempre pensam o contrário – se o local não é digno, o féretro é humilhado. Mas afirmo: é o corpo que valoriza o chão. Como uma safira enterrada no lodo, oculta à visão de todos, mas que traz, à terra que a abriga, um sentido, um centro quente, latejante e valoroso.

No sistema que corteja a morte física, na didática que a permeia, existe uma trajetória, uma iniciação marcada por começos. Aprende-se a matemática das cores, os princípios ativos da cera de abelha, dos óleos de cânfora e de cedro, do vinho de palma. Invólucros naturais para a morte que se pretende manter viva,

como na época dos faraós.

Fui preparada para trabalhar com o imprevisível, com os cheiros que nos desconcertam e com texturas de causar ímpetos de fuga ou de histeria nas pessoas que, com elas, estabelecerem algum contato. Tive treinamentos sobre o assunto desde os meus sete anos de idade. Abaixo dos meus olhos vendados e sob minhas narinas passaram, pelas mãos da vó, ramos de ervas e animais em decomposição, punhados de terra funda, algas mantidas em água parada, frutas e ovos passados, entranhas de peixes.

Exposta à inconveniência destes odores socialmente inaceitáveis, eu poderia, um dia, ter condições de lidar com as surpresas trazidas pela finitude dos corpos, suas ligaduras, líquidos, interiores, sempre tão diversos em forma e conteúdo. Somente mãos treinadas podem tocar a transformação ininterrupta do processo de decomposição. Nesse período, que amarrou os nós e traçados que me compõem até hoje, aprendi sobre o que é estar viva, algo que, em essência, pode ser definido como um acumulado de mortes ocorridas em sucessão.